

## A pertinência da Didáctica da Filosofia no ensino médio em Angola e os novos paradigmas de avaliação

Bonifácio António \*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-6267-6300>

### RESUMO

O presente tema em análise surge dos resultados do trabalho de tese de Doutoramento em Educação apresentado na *Universidad de Desarrollo Sustentable* (UDS) em 2024, onde realizamos estudos comparados entre os critérios de avaliação em Filosofia numa Escola pública e numa Escola de orientação religiosa católica. Os resultados da pesquisa, justificam o presente artigo, porque percebeu-se que ainda é insuficiente o uso dos métodos e critérios de avaliação atualizados. Não obstante a realidade encontrada, sendo a didática à Filosofia uma área de interesse atual e pessoal, alinhando a questão de Michel Tozzi, “será que filosoficamente é possível realizar a investigação das ciências da educação no campo da didática da filosofia? Pode se fazer uma investigação em didática da filosofia que não seja, ela mesma filosófica? A nossa resposta é positiva, na medida em que a Filosofia não se fecha no hiperunâneo. Ela também se aplica nas ciências da Educação. Assim, procuramos apresentar uma sugestão filo-pedagógica de como melhorar a didática da filosofia no ensino médio em Angola, que vise sair da transcendência do pensamento filosófico para a imanência do ensino de Filosofia. Assim, compreender a importância do estudo da didática da Filosofia aos professores desta disciplina no ensino médio, é o principal objetivo.

### PALAVRAS-CHAVE

Filosofia; Didática; Avaliação.



### ABSTRACT

The present theme under analysis arises from the results of the PhD thesis work in Education presented at the *Universidad de Desarrollo Sustentable* (UDS) in 2024, where we carried out comparative studies between the evaluation criteria in Philosophy in a public school and a Catholic religious school. The research results justify this article, because it was realized that the use of updated evaluation methods and criteria is still insufficient. Despite the reality found, with Philosophy didactics being an area of current and personal interest, in line with Michel Tozzi's question, “is it philosophically possible to carry out research into educational sciences in the field of Philosophy didactics? Can an investigation be carried out in the didactics of philosophy that is not itself philosophical? Our answer is positive, insofar as Philosophy does not close itself off in the hyperunaneous. It also applies to Educational sciences. Thus, we seek to present a philo-pedagogical suggestion on how to improve the teaching of philosophy in secondary

\* É Doutorado em ciências da Educação, com foco na Didáctica da Filosofia, pela Universidad de Desarrollo Sustentable (UDS), Doutorando em Ciências da Sociais, opção: Ciência Política, pela Universidade Agostinho Neto (UAN); mestre em Filosofia pela Universidade Agostinho Neto(UAN), Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Angola (UCAN); Frequentou até terceiro ano o curso de Licenciatura em Direito pelas Universidades Metodista de Angola e Universidade Gregório Semedo. Pós-graduado em Agregação Pedagógica para ensino superior, pelo IMETRO. É docente e investigador. Autor de algumas obras e artigos científicos. Atualmente apresenta o «Programa Sal e Luz do Mundo», na Rádio Maria Angola. Analista social e político. E-mail.: [bonifacioantonio@outlook.com](mailto:bonifacioantonio@outlook.com)

education in Angola, which aims to move from the transcendence of philosophical thought to the immanence of Philosophy teaching. Therefore, understanding the importance of studying Philosophy teaching for teachers of this subject in high school is the main objective.

## **KEYWORDS**

Philosophy; Didactics; Assessment.

## **Introdução**

A pertinência da didática da Filosofia no ensino médio em Angola e os novos paradigmas de avaliação”, é uma reflexão em torno aos métodos e critérios de avaliação usados no ensino de Filosofia no ensino médio. A experiência didática e os resultados da pesquisa elaborada nas escolas referenciadas, constitui uma das razões do presente artigo. Porque apontam para o uso ainda dos métodos e critérios tradicionais de avaliação de Filosofia, distante da era da tecno-ciência e cibernética. Pois, hoje, o mundo nos apresenta uma cultura científica e pedagógica alinhada a era digital, da informação e da tecnologia. Será que devemos continuar com os métodos expositivos, aulas unilateriais, sem aproximar o aluno as novas ferramentas do contexto da globalização? É assim que, a reflexão torna-se urgente e pertinente, tendo em conta a sua relevância no âmbito do processo de ensino de Filosofia, concomitantemente no processo de aprendizagem da Filosofia por parte dos alunos.

O processo de abstração e apreensão de conceitos de Filosofia por parte dos alunos, ainda tem sido um problema. Muitos alunos «matam aula» de Filosofia, alegando não perceber a aula, ou porque a aula é morta e traz sono, outros ainda apontam a falta de criatividade pedagógica, e outros a falta de gosto pela disciplina, e depois existe aqueles que mesmo tenho um professor bom de Filosofia, ele não apreende, e também regista insucesso na disciplina. Outrossim, prende-se com a falta de uniformização dos manuais usados, falta de uniformização de métodos e programas, apesar do Estado definir os currículos. Olhando para toda essa realidade, como superar? Como criar o gosto pela filosofia aos alunos do ensino médio? Como desconstruir a ideia pré-lógica que o aluno traz, segundo a qual, «filósofos são ateus e mentirosos»? Tudo isso, contribui no insucesso do aluno na disciplina de Filosofia. E qual é a proposta que o nosso trabalho traz como via de superação?

Provavelmente os alunos não estão a perceber o que se ensina em Filosofia. Por isso, diremos, será fundamental e urgente sair da metafísica do pensamento filosófico para o ensino de Filosofia. É assim que, este trabalho em refletir numa proposta que vise sair do mundo das ideias para o mundo real.

Para a concretização deste trabalho usaremos alguns métodos de abordagem, como o método hipotético dedutivo, indutivo e dialético. Quanto aos métodos de procedimentos, usaremos o histórico, comparativo, bibliográfico. A abordagem, é qualitativa. Significa dizer, o nosso estudo neste caso concreto não é quantitativo. Usamos as técnicas de observação e análise documental.

Para além das palavras chave: Filosofia, Avaliação e didática, os outros conceitos que também poderão merecer algum cuidado especial, porque usaremos com muita frequência são: Aluno e Professor. Porque não podemos falar da Didática e avaliação sem o aluno enquanto agente ativo do processo docente educativo na Escola Nova, e o Professor o sujeito passivo, atualmente.

## 1. Definição dos principais conceitos

Os conceitos principais que usaremos são: Avaliação, Didática, Filosofia. Os conceitos de avaliação e didática, serão definidos dentro de uma visão filosófica. Porque em si, tornam-se gerais. Mas fica delimitado quando é apresentado numa área do saber.

### 1.1. Filosofia

Se a filosofia como ciência surge na Grécia antiga, então a palavra é também de origem grega. De acordo com António (2024) Ela forma-se a partir da junção de dois termos diferentes da língua grega: *Philos* = amor ou amigo e *Sophia* = sabedoria. Como se pode notar, as duas palavras (*Philos + sophia*) formam a palavra portuguesa filosofia que irá significar «*amor a sabedoria*», sendo o filósofo o amigo da sabedoria. O filósofo deve ser aquele que investiga, que ama a sabedoria, isto é, gostar do trabalho que faz a favor do conhecimento das coisas, procurando aquilo que não sabe.

A formação da palavra “**Filosofia**” resulta de uma história curiosa, a qual achamos pertinente para o vosso conhecimento. Tudo começou quando numa dada discussão livre entre dois gregos se quis que Pitágoras, reconhecido como sábio, resolvesse a sua contenda. Humildemente, Pitágoras disse que não era sábio, porque sábio seria aquele que já sabe tudo e que entre os homens nenhum sabe tudo, porque a sabedoria pertence unicamente aos deuses; por isso, Pitágoras preferiu que o chamassem «**amigo da sabedoria**»<sup>1</sup>, isto é, aquele que nada sabe e que por isso se lança à pesquisa para obter o conhecimento. (Antonio, 2024, p.10)

---

<sup>1</sup> Sobre o conceito de “Filosofia”. Os gregos antigos definiam a filosofia como «**o amor pelo saber**»; «**saber**» quer dizer «**conhecimento do mundo e do homem**». Esse conhecimento permitia enunciar certas regras de ação, determinar certa atitude, diante da vida; «**sábio**» era o homem que agia em todas as circunstâncias em conformidade com tais regras que, por sua vez,

Hoje, definir a filosofia tornou-se um grande problema filosófico. Isto acontece por várias razões: A primeira resulta do facto de que em filosofia se estudam diferentes tipos de objetos, o que leva ao surgimento de várias correntes filosóficas e de várias ciências dentro da filosofia; logo, cada caso estudado em filosofia é primeiro visto em particular; a segunda resulta do facto de todos os filósofos não pensarem da mesma maneira. No entanto, podemos definir a filosofia, como sabedoria (Politzer, 1970, pp.14-15); conhecimento na sua plenitude; é a ciência que abrange todas as realidades, procurando descobrir as causas profundas e últimas, servindo-se para isso da natureza da luz da razão.

## 1.2.Avaliação

Avaliação vem do conceito «avaliar», segundo o Dicionário básico (2006, p.70) é determinar a avalia ou o valor de. No campo da educação, certamente tem uma aplicação específica, que tem muito haver com a determinação do valor da qualidade de ensino. De acordo com Canivete (2017) avaliar é promover a qualidade de ensino-aprendizagem. E o que é avaliação? É um processo, segundo Canivete (2017), “sistêmático, contínuo e integrador que consiste na recolha de informações inerentes ao processo de ensino-aprendizagem realizável antes, durante e depois de qualquer atividade educacional, visando os objetivos propostos.” Para Luckesi (2011) “avaliação e planificação andam juntos”. Assim sendo, existe formalmente três tipos de avaliação: Diagnóstica, formativa e sumativa. Mas hoje, também já existe autores que acrescenta a quarta, como Canivete (2017) que fala de uma quarta, a chamada: “Avaliação autêntica, que surge como reação da avaliação tradicional que reduzia a avaliação na atribuição de notas”.

O conceito de avaliação uma vez que nos remete para olhar na planificação, é preciso lembrar que, ao planificar avaliação, o processador deve responder as seguintes perguntas: 1- Quem avaliar?, 2- O que avaliar?, 3- Para que avaliar?, 4- como avaliar? 5- Quais são os itens avaliar? 6- Quando avaliar?, 7- Quem vai avaliar?. Nestas perguntas

---

se baseavam no conhecimento do mundo e do homem.; a palavra «**Filosofia**» manteve-se desde aquela época por corresponder a uma necessidade. É, por vezes, tomada em diferentes sentidos, que se prendem à diversidade dos pontos de vista a respeito do mundo. Mas, o sentido mais corrente da palavra é o seguinte: **concepção geral do mundo da qual se pode deduzir certa forma de conduta**. A definição de filosofia, por exemplo, no fim da modernidade e, e já, durante a revolução francesa, (séc. XVIII), os filósofos burgueses da França pensavam e ensinavam, baseados em conhecimentos científicos, que o mundo é conhecível (problema epistemológico e gnosiológico) e concluíam ser possível transformá-lo para o bem do homem. Daí a seguinte conclusão: E insensato querer transformar o mundo. É verdade, concordam eles, que podemos agir sobre a natureza, mas é uma ação superficial, uma vez que o «**fundo das coisas**» está fora do nosso alcance.(Politzer, 1970)

encontramos todos elementos que fazem parte ao processo docente educativo: O professor, o aluno, o conteúdo, os objetivos, o tempo, os métodos, etc. A questão é: Ainda os professores de Filosofia no ensino geral planificam? E quando planificam respondem todas estas perguntas no plano de aulas, na planificação semanal? Mensal? Trimestral? Ou só avaliamos, para cumprir com a formalidade?

Um dos grandes teorizadores e, considerado o pai de avaliação educacional é o Tyler. De acordo com Canivete (2017) traz um modelo de avaliação que consiste numa comparação dos resultados da aprendizagem do aluno com objetivos. Para Tyler, ao reformular os objetivos deve ter encontra a experiência do professor.

### **1.3. Didática e a Didática da Filosofia**

A didática está ligada a arte de ensinar. Particularmente a didática da Filosofia, nesse sentido, tem a ver com a arte de ensinar a Filosofia. Entretanto, alguns teóricos da didática da filosofia, como Michel Tozzi, desenvolveram ideias sobre como ensinar a Filosofia. Michel Tozzi citado por Boavida (1996), levanta questões fundamentais que constitui um dos fundamentos da didática da filosofia, ao defender um plano de filosofia para criança.

Será que é possível levarmos uma Filosofia para crianças? Se considerarmos esta pergunta, vai parecer que aprender a Filosofia ou estudar a Filosofia tem idade. Antigamente, na era grega, acreditava-se que a sabedoria só se alcançava na idade de ancião. Significava que o indivíduo só se tornava filósofo quando chegasse nessa idade. Mas depois, com as mudanças de paradigmas filosóficas, percebeu-se que também o jovem pode ser filósofo. Porque o elemento fundamental é a razão e não a idade física. Entretanto, a idade física e cronológica, não é mais importante. Mas sim, a idade psicológica e racional. Mas também, não estamos a dizer que uma bebé, uma criança do ensino primário reflita sobre Metafísica filosófica. Mas pode pensar na crença religiosa. Porque um pensamento filosófico tem exigência, segundo António (2024): Rigorosidade, Racionalidade e Universalidade.

Hoje, o ensino de filosofia não se limita no ensino superior. O ensino secundário, no nosso caso angolano encontramos a Filosofia. Assim, uma didática voltada ao ensino de filosofia, é também uma filosofia aplicada na educação. Retomando a pergunta do resumo, a Didática da Filosofia, de acordo com Tozzi, citado por Boavida (1996), também questiona: “Será que filosoficamente é autorizada e competente a investigação das ciências da educação no campo da didática da filosofia? Pode se fazer uma investigação

em didática da filosofia que não seja, ela mesma filosófica? , seria o ensino da filosofia, se o subordinássemos uma técnica, uma forma positivista?” Michel Tozzi levanta perguntas fundamentais que carece de meditação própria sobre aquilo que chamamos de didática da filosofia. Podemos responder, uma das perguntas mais importantes: Sim, podemos fazer uma investigação em didática da filosofia que seja filosofia. Apesar de ser uma questão filosófica, constitui um desafio pedagógico.

No contexto angolano, ainda precisamos adequar aos outros contextos. Isto é, sair da transcendência filosófica para a imanência filosófica. O professor deve ajudar os alunos a perceber a Filosofia. Isso exige rever a linguagem, se possível traduzir os conceitos filosóficos na linguagem dos alunos.

Por outro, é preciso rever os métodos de ensino de Filosofia. Porque se o homem é histórico, o que é histórico é porque tem o passado, e se tem o passado é porque é dinâmico, então, o tempo sendo o movimento, deve também atualizar e contextualizar as estratégias de ensino filosófico. É verdade que nem tudo em Filosofia é mutável. Mas pode ser contextualizado, levando o aluno se possível criticar, desconstruir, e não limitar-se no dogmatismo filosófico. Ainda, é visível os métodos e critérios de avaliação usados, são arcaicos.



## **2.Os desafios da Didática à Filosofia na Pedagogia Pós-contemporânea.**

A História da Pedagogia nos apresenta vários pensamentos ao longo da história do homem. Segundo Gadotti (2008), o pensamento pedagógico percorreu várias fases, passando para a era grega, romana, medieval, renascentista, moderna, o pensamento pedagógico da Escola Nova (Gadotti, 2008, p.146), e cita autores que viveram em (1378-1446), no caso de Victorino de Feltre, recorre a teoria e prática escolanivistas com autores como Adolphe Ferreiere (1879-1960) contemporânea, autores como o norte-americano John Dewey (1859-1952), o principal reformulador, Maria Montessori (1870-1952), o brasileiro Paulo Freire (1921). Significa dizer, na visão de muitos, recorrer nos métodos do século XIX e XX é viver na pedagogia nova no século XXI na era da tecnologia. O que não passa de apenas «*flactus voces*».

Não obstante as ideias de Paulo Freire serem atuais e atuantes, juntamente com outros autores como Piaget, trazem críticas aquilo que chamam pedagogia tradicional. Gadotti traz até outros pensamentos pedagógicos posteriores a Escola Nova, como: “O pensamento pedagógico Fenomenológico-Existencialista», onde cita Platão, Kierkegaard, Nietzsche, que no século XIX desenvolveu teorias ligadas a pedagogia da existência;

Durkheim também aparece, e Martin Buber que desenvolve a pedagogia do diálogo, no século XX.(Gadotti, 2008, p.162). Apresenta ainda o pensamento pedagógico crítico, já nos finais do século XX -anos 1970, onde encontramos a pedagogia das ideologias. Também na mesma fase apresenta o Pensamento pedagógico Africano, citando autores como Amilcar Cabral, Nyerere. E o autor (Gadotti), termina com uma reflexão da educação pós-moderna.

Mas a visão Pós-moderna da educação é diferente da pós-contemporânea. Nesta, por exemplo, de acordo Gadotti, reflete-se sobre a multiculturalidade, sobretudo um debate da década de 90 até ao século XX (Ibid, p310). Em nenhum momento traz a questão da introdução da tecnologia. O que urge a necessidade de atualizar os métodos de ensino e de avaliação, senão mesmo dos currículos de Filosofia.

## **2.1. Os novos paradigmas da Didática da Filosofia no contexto da pós-contemporaneidade**

Já passamos na pré-modernidade, modernidade, pós-modernidade. Não nos confundamos com a era moderna grega, diferente da era clássica, porque a era grega também é chamada clássica; não confundir com o pré-moderno do classissimo depois da Escolástica, mas sobretudo depois da Modernidade dos séculos XVI,XVII até ao iluminismo (séc. XVIII). Depois do iluminismo vem a Idade contemporânea. Significa dizer, o século XIX inicia Idade contemporânea. Mas quando falamos da contemporaneidade, propriamente dita, começa na metade do século XX. Como veremos. Todas essas etapas, influenciaram no pensamento pedagógico e filosófico.

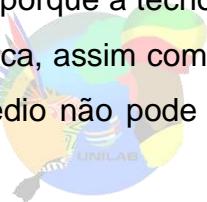
Por esse facto, falar de Educação tradicional hoje constitui um problema filosófico. A questão que se coloca é: *Quando falamos da Educação Tradicional, o que isto quer dizer?* Quem são os autores modernos? Piaget, Dewey, Vigotsky, Montessori? Estão nos anos 30 e 40. De acordo com Briones (2024), na década de 50 começa a contemporaneidade. Mas hoje, já falamos da pós-contemporaneidade. A Escola Física pós-quântica, diferente da física quântica e clássica, nos leva para outra forma de ver o mundo da educação. Talvez, diríamos que, não teremos, daqui há 50 anos, escola física. Os avanços tecnológicos correm veloz. A era digital está a levar todos para o ensino virtual. A Revolução do uso das tecnologias está substituir a escola física, o ensino físico. A Covid-19 já nos mostrou que o ensino virtual já é uma realidade e, é o futuro.

O mundo está em mutação constante, rápido. Mas ainda nos deparamos com uma escola que nos apresenta autores da Escola Nova, como se a educação fosse estática.

Mas já vimos que os autores desta época, hoje, têm mais de um século, outros dois séculos. Logo, não são atuais. Há 50 anos atrás o mundo já falava destes autores, sempre como escola nova. Será que ainda são novos? Podemos considerar a pedagogia Construtivista de Piaget e as correntes pedagógicas de Pestalozzi, Montessori, Freire, com representantes da pedagogia Nova no século XXI?

Essa visão já é tradicional, na medida em que a ciência da educação não é estática. Hoje, já se fala do pensamento pedagógico pós-contemporâneo. Gadotti, na sua obra «História das Ideias Pedagógicas», (2008), apresenta apenas até ao pensamento pedagógico contemporâneo. Inclusive com os seus teóricos. Os autores que podemos recorrer hoje, alinhados a visão pós-contemporânea, são: Philippe Perrenoud, Leopoldo Briones. Para a nossa realidade angolana, podemos trazer alguns autores como Manuel Afonso, Moma Chipesse.

Perrenoud (2008), na sua obra sobre «*10 competências para ensinar*», traz uma visão mais contextual. Por exemplo, uma das competências que ele apresenta, é o uso de novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. Certamente, este pensamento o construtivismo ainda não tinha visto, porque a tecnologia faz parte das ferramentas pós-contemporânea. A pedagogia é dinâmica, assim como a didática a filosofia. Se assim for, o professor de Filosofia no ensino médio não pode continuar no século XX enquanto o mundo já está no Século XXI.



## **2.2. Da transcendência do pensamento filosófico para a imanência do ensino de Filosofia em Angola.**

Ontem, o que se ensinava na Filosofia? O professor limitava-se no pensamento dos clássicos, como os Pré-socráticos, os socráticos e pós-socráticos. Já respondemos a pergunta sobre uma Filosofia da educação que olha no sentido da ação, mas que não anula a metafísica. Logo, o professor através dos métodos ensino, procura traduzir o que é transcendental na vida prática do aluno. Por exemplo, a Metafísica de Parménides, segundo António (2024), nos ensina que o ser é, o não ser, não é. Ou o ser é, ou não é. Pois, não existe um meio termo.

Como traduzir o princípio ontológico de Parménides na vida do aluno? Uma sociedade que foi assolada pelo novo relativismo ético, onde a cultura do homossexualismo, o aborto, vai ganhando força, o aluno por si só, poderá perceber que afinal a natureza não muda. O homem é até ao fim. A mulher é até ao fim. O ser enquanto ser é. Ora, apesar do ser de Parménides ser indivisível, uno, imutável, o homem sendo

mutável, também é uno com as dimensões ontológicas, certamente não pode e, não vai conseguir mudar de sexo na sua substância. Mas certamente, numa linguagem mais simples, respeitando a idade cognitiva refletida, e o contexto. O professor de Filosofia no ensino médio deve excluir o importante do não importante no ensino. Nós em Angola, ainda não temos um ensino de Filosofia histórica, mas temos experimental.

### **2.2.1. A Didática da Filosofia em Angola como uma Didática experimental**

Comparando com outras realidades, ainda não podemos afirmar que a Didática da Filosofia em Angola é histórica, na medida em que ainda pouco se explora, pouco se fala, temos poucos textos publicados sobre o assunto. Mas existe uma necessidade de se aprofundar, porque começa a ser ensinada desde o ensino geral.

Em Brasil por exemplo, segundo Boavida (1996), em 1930, a Filosofia começa a entrar nos currículos do ensino médio. Não era obrigatório, mas optativa. Depois saiu do currículo Escolar, no ensino profissional, alegando ser mais uma disciplina ideológica, do que profissional. Foi banido do currículo. Torna-se opcional, depois. Essa realidade acontece hoje em Angola. O ensino de Filosofia encontramos nos cursos de Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Humanas, sobretudo no ensino Público. Na segunda escola onde realizamos o estudo, sendo de orientação Católica, todos os cursos do ensino médio tem Filosofia (PUNIV- Ensino Pré- Universitário).

Olhando para estes desafios da Escola Atual, num contexto em que os Estados estão preocupados com a industrialização, ao avanço da tecnologia, a paixão das ciências exatas, naturais e experimentais (ciências orgânicas e inorgânicas) aumentaram. As escolas técnico-profissionais parecem serem prioridades. É a mesma coisa que acontece em Angola. Os politécnicos, as escolas agrárias, de saúde, as oficinas de cursos técnicos aumentaram, porque o País está na via do desenvolvimento sustentável. Os cursos teóricos, as ciências reflexivas perderam a paixão, a valorização como tal. Talvez a nossa crítica aqui, é no sentido de dizer, não se pode pensar no desenvolvimento de um País sem preparar as mentes.

Se tivermos muitos engenheiros, médicos, mecânicos, eletricistas, arquitetos, é muito bom. Mas se tivermos poucos pensadores, também podemos ser facilmente dominados por outras culturas. E quando outras culturas nos dominarem, então, são outros povos mandando em nós; outrossim, não se pode edificar centralidades, ter cidades lindas, carros, etc. Sem investir na educação. A dimensão espiritual, a formatação

da mente pode ser mais importante do que os cursos técnicos. Porque tudo começa na ideia. É a ideia que transforma à realidade.

Neste sentido, o Estado não pode anular um lado. Deve colocar todas as ciências a disposição da formação do homem angolano. Significa dizer, o ensino de Filosofia devia estar em todos os cursos, quer das ciências profissionais-práticas, como profissionais teóricas. Pensar todo mundo pode. Mas pensar bem, é uma arte. Isso exige estudo sério. A nossa linha de pensamento é Aristótelico-Tomista e Personalista. Isto é, aquela que não exclui, mas une, e olha na realidade como um todo. Desta feita, afasta a visão dualista curricular no ensino médio em Angola. O que se pode fazer e o que o professor de Filosofia deve fazer? Certamente, procurar durante a planificação de aula, ao planificar semanalmente, quinzenalmente e trimestralmente, sair das transcendências do pensamento de Filosofia para a Imanência do ensino de Filosofia.

## 2.2. **Métodos e Critérios de Avaliação contextual no ensino de Filosofia**

Os métodos são vias que nos permitem chegar a meta. Falamos dos métodos tradicionais e modernos, que no fundo estão intrinsecamente interligados com as teorias, como: **Tradicionais** (Teoria do Comportamentalismo) e **modernos** (Teoria do Construtivismo). Os *métodos Tradicionais*, de acordo com Aurélio (Cfr. 2007), existe o método Expositivo. Nos métodos modernos, encontramos: “Elaboração conjunta”. Elaboração conjunta coloca o aluno no centro do processo de ensino como sujeito ativo, diferente da exposição, onde o ensino é mais unilateral, e não bilateral. Quando o aluno se limita apenas ouvir e apreender, como se fosse um «banco», não ajuda se articular. Por isso, Paulo Freire cria este modelo de ensino. Pois, o aluno não é um banco para depositar apenas o conhecimento.

O método expositivo é, não dá possibilidade do aluno tomar qualquer iniciativa, não permitindo que a interação seja feita de uma forma parcial e contínua; este método não permite pergunta do aluno, trabalho conjunta. Mas podemos transformar em moderno quando o professor pede a opinião e interação na turma; o método expositivo pode existir. Mas se quisermos relacionar com a Escola nova, tem de permitir as perguntas. O professor não pode combater o aluno que tem sede da sabedoria, e por isso, pergunta. Numa aula de Filosofia quando o professor oprime, quando os alunos têm medo de falar (não de fazer barulho. Mas de perguntar), coloca em causa a Filosofia e a sua didática.

*Nos métodos modernos*, encontramos os métodos expositivo, explicativo, Chuva de ideias; Debates; Visitas de estudo; Apresentação de trabalhos individuais; Produção de

textos sobre..; Trabalho em grupo, como de interpretação de texto, como afirma Folscheid e Wunenburger (2006), apresentações e defesas de trabalhos, trabalho para a Casa.

Olhando para os pressupostos acima referenciados, podemos afirmar que, os métodos de avaliação também podem ser a prova objetiva, prova dissertativa, trabalho em grupo, debate, auto avaliação, seminários, relatório individual, etc. Baptista (s.d.), na sua obra sobre «avaliação de ensino de Filosofia», afirma: “as atividades mentais são: Indagar, analisar, meditar”. Se as atividades mentais são: Indagar, analisar, então, que os métodos participativos em Filosofia, sejam aconselhados: Elaboração conjunta, chuva de ideias, debates, trabalhos em grupo, apresentações de temas, trabalhos...

Neste sentido, o professor de Filosofia deve estimular para que tenha a resposta – E-R. Significa: O professor só pergunta, esperando resposta. Faltando interação. A Educação torna-se bancária. Assim, o método socrático torna-se por excelência no ensino de filosofia.

O critério ou estratégias de avaliação dos alunos, foi sempre e, deve ser o modelo que deve ser defendido. O professor de Filosofia desperta, provoca, cria uma ereção do conhecimento, despertando assim o conhecimento. Desta feita, afirma Haidt (1994), o método socrático foi denominado de «Ironia» e tem dois momentos: *A refutação* e a *maiêutica*. Na refutação, Sócrates levantava objecções às opiniões que o discípulo tinha sobre algum assunto e que julgava ser a verdade.”

De objecção, o aluno ia tentando responder às dúvida: Levantadas por Sócrates até que, se contradizendo cada vez mais, admitia sua ignorância e se dizia incapaz de definir o que até há pouco julgava conhecer tão bem. Essa etapa do método tinha como objetivo libertar o espírito das opiniões, pois para Sócrates, segundo Haidt (1994, p.16), “a consciência da própria ignorância é o primeiro passo para se encaminhar na busca da verdade”. Tendo o discípulo tomado consciência de que nada sabia, Sócrates passa então para a segunda parte de seu método, que ele mesmo denominou «maiêutica».

Depois, aparece uma outra figura da nossa era, João Amos Comenius (1592 - 1670). Para Comenius, citado por Haidt, dentre as obras criadas por Deus, o ser humano é a mais perfeita. (Haidt, 1994). Dada a sua formação cristã, acreditava que o fim último do homem é a felicidade eterna. O objetivo da educação é ajudar o homem a atingir essa finalidade transcendente e cósmica, desenvolvendo o domínio de si mesmo através do conhecimento de si próprio e de todas as coisas.

Considerado o pai da didática, Comenius, “valorizava o processo indutivo como sendo a melhor forma de avaliar, de se chegar ao conhecimento generalizado e, aplicou-o

na sua prática instrucional.” Na sua obra «*Didáctica magna*», publicada em 1632, e que teve influência direta sobre o trabalho docente. Ao ensinar um assunto, o professor deve:

- Apresentar o objeto ou ideia diretamente, fazendo demonstração, pois o aluno aprende através dos sentidos, principalmente vendo e tocando;
- Mostrar a utilidade específica do conhecimento transmitido e a sua aplicação na vida diária;
- Fazer referência à natureza a origem dos fenômenos estudados, isto é, às suas causas;
- Explicar primeiramente os princípios gerais e só depois os detalhes;
- Passar para o assunto ou tópico seguinte do conteúdo apenas quando o aluno tiver compreendido o anterior. (Haidt, 1994, p.17)

Estas linhas gerais desenharam os modelos de educação modernos. A luta foi sempre tirar o aluno dos modelos de avaliação e ensino tradicionais, assente na memorização e na teoria, tal como também defendeu Pestalozzi. Assim, a contribuição destes autores abriram caminho para uma Didática mais adequada aos contextos. Cada época é uma época. O pensamento pedagógico evolui em função das dinâmicas sociais, políticas, económicas e religiosas. Não podemos falar da didática sem olhar nos métodos de ensino, nos critérios de avaliação, nas estratégias, nos meios de ensino e nos currículos.

## Conclusão

Em guisa de conclusão, o ensino de Filosofia hoje, deve estar alinhado com a dinâmica do mundo. Não obstante de ser uma disciplina reflexiva, teórica, podemos usar os métodos de observação, onde projetamos as aulas, por via de protetor. Logo, é possível usar os meios modernos, tais como: Computador, projetor, etc. Podemos assim, por via de métodos visuais, projetar filmes, vídeos, áudios, sobre Filosofia, até mesmo imagens que leve o aluno a reflexão.

Nas aulas de lógica formal, para 12ª Classe, segundo o currículo- Programa de Filosofia preparado pelo INADE (*Instituto Nacional de Avaliação e de Desenvolvimento da Educação*), é o primeiro tema leccionado, o professor pode usar imagens com jogos reflexivos, como «Sudoku». Mas isso passa na criatividade do professor enquanto agente de educação e ensino. O professor deve saber se reinventar. O importante é que o aluno

enquanto centro do processo docente-educativo, enquanto agente ativo da educação, perceba o que se quer ensinar e transmitir.

Assim, também concordamos que deve se definir claramente os objetivos da Filosofia no ensino Médio em Angola. Porque a Filosofia se adapta segundo e seguindo uma cultura local. Se incultura também. Tal como defendemos, a necessidade do professor de Filosofia procurar formas de passar da ideia de que a Filosofia nasce da curiosidade. Para isso, a Filosofia do ensino médio em Angola, como pode ser analisada em outras realidades, concordando com outros que defendem essa visão, segundo a qual a «Filosofia no ensino médio não pode ser bastante abstrato, mas sim, prático». O professor deve dar trabalhos em grupos e individuais, não só reflexivos, mas também práticos. Isso, exige uma articulação dos métodos filosóficos, que permitam sair da ideia para a prática, sem perder a sua originalidade.

O ensino de Filosofia deve olhar, analisar, compreender e se possível questionar e agir, nos currículos, nos programas, nas orientações curriculares sobretudo, gizados pelas políticas dos Estados, nos programas Nacionais. É assim que, concluímos, o primeiro pressuposto para ensinar Filosofia é a formação dos professores de Filosofia. Não basta saber ou estudar a Filosofia. Por exemplo, sair na interpretação para a construção de conceitos. É fundamental. E aqui, vão dizer, temos tido seminários de capacitação dos professores, temos as ZIP (Zonas de Influências Pedagógicas) – e planificamos quinzenalmente. Tudo bem. Mas quem dá a formação aos professores de Filosofia é Filósofo ou professor de Filosofia? Os seminários de formação dos professores que acontecem no inicio dos anos letivos, é específicos para professores de Filosofia ou para todos os professores da escola? É possível melhorar os métodos e estratégias de ensino misturados com professores de outras disciplinas? Entendemos que, a formação de capacitação é fundamental para todos. Mas deve existir seminários de professores de cadeiras específicas, no caso de Filosofia. E quem deve ser o formador, ou o prelector? Certamente um filósofo com a formação de Didática à Filosofia.

## Referências

- ANTÓNIO, B. **Texto de apoio de Filosofia da Religião**. Luanda: Universidade Metodista de Angola, Faculdade de Teologia, 2024.
- AURÉLIO, I. **Avaliação**. [S.l.: s.n.], 2007.
- BAPTISTA, T. S. **A avaliação no ensino de Filosofia: possibilidades para um fazer Filosofia e uma experiência do pensar em sala de aula**. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, [s.d.].

BOAVIDA, J. Por uma didática para a Filosofia: análise de algumas razões. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 9, 1996.

CANIVETE, I. **Avaliar é promover a qualidade de ensino-aprendizagem: Angola e os desafios educativos**. Luanda: [s.n.], 2017.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 12. ed. São Paulo: Abdr, 2008.

HAIDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

LIBÂNEO, C. J. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2011.

POLITZER, G.; BESSE, G.; CAVEING, M. **Princípios fundamentais de Filosofia**. Tradução de João Cunha Andrade. São Paulo: Hemus – Livraria Editora Ltda., 1970.

WUNENBURGER, J.; FOLSCHIED, D. **Metodologia filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido em: 12/06/2025



Aceito em: 22/06/2025

**Para citar este texto (ABNT):** ANTÓNIO, Bonifácio. A pertinência da Didática da Filosofia no ensino médio em Angola e os novos paradigmas de avaliação. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, São Francisco do Conde (BA), vol. 5, nº 1, p. 51–64, jan./jun. 2025.

**Para citar este texto (APA):** António, Bonifácio. (2025). A pertinência da Didática da Filosofia no ensino médio em Angola e os novos paradigmas de avaliação. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, 5 (1), 51–64.